Do Amor, das Coisas e da Natureza

Vol. I

Avelino Rosa

Do Amor, das Coisas

e da Natureza

Volume I

(1970-2005)

Avelino Rosa

Capa de

Helena Trindade

Prefácio de

Mirian Menezes de Oliveira

Versão de Abril de 2019,

usando, com algumas exceções,

o Acordo Ortográfico em vigor.

Prefácio

Ser responsável pelo prefácio de uma obra literária é enorme desafio, pois, ao prefaciador, são oferecidas, em primeira mão, as linhas inspiradas, suadas e trabalhadas pelo autor.

"DO AMOR, DAS COISAS E DA NATUREZA", de autoria do escritor Avelino Rosa, foi um desses prazerosos desafios, que me permitiram a imersão em um universo, extremamente, humano: os dos nossos sentimentos terrenos.

No desfecho da leitura, tal como em uma prova final de um belo vestido, emocionei-me com a estrutura, com os acessórios e detalhes de arremate.

Não sei por que isso me veio à mente... A metáfora emergiu, no período de finalização da leitura... Ou seria de "inicialização"?

Um livro nunca morre... reinicia-se!

Fato é que me encanta a profundidade de cada linha esboçada nessa obra, que muito fala dos mais diversos dilemas humanos: versos de vida... versos de dor... de amor... de coerências e de contradições...

Grata pela oportunidade de prefaciar um livro que fala de "gente", como a "gente"...

Agradeço, como ser humano, e desejo-lhe imenso sucesso!

Um grande abraço do Brasil!

Mirian Menezes de Oliveira

Escritora brasileira

Introdução

Ao jeito de obra completa da minha "poesia", decidi publicar dois volumes com o título "Do Amor, das Coisas e da Natureza", correspondentes a dois períodos da minha vida. Este primeiro volume abrange os anos de 1970 até 2005.

Os poemas são apresentados por ordem cronológica, divagando um pouco sobre tudo, em especial sobre o amor. São estados de alma, sem a preocupação de estética, métrica ou rima. Escritos tal como me apeteceu e, geralmente, feitos nalguns minutos em que os dedos parecem mais céleres que o cérebro ou mesmo a emoção, embora esta nunca deixe de estar sob cada palavra.

Na maioria dos poemas não uso pontuação, com exceção da vírgula na linha e do ponto final. Depois de ler muitos textos poéticos, achei que, nalguns casos, era um modo da poesia se soltar e respirar livremente, na leitura e dizer das pessoas que dela se alimentam. Alguns deles (poemas) estão molhados com uma lágrima rebelde, que pontuou uma ou outra folha. Por me lembrar de algo especial ou, simplesmente, por um quase-nada que me fez emocionar. Porque sou assim. De lágrima fácil pelas pequenas coisas que, afinal, palavra a palavra - com a emoção ou sentimento por fundo -, enformam a minha vida.

A capa da Helena Trindade – que parece emergir do fundo da minha "poesia" -, veio valorizar este livro. Não tenho palavras para lhe agradecer, a não ser o meu singelo e sincero "Obrigado"!

De igual modo, tenho de manifestar imensa gratidão à minha ilustre amiga Mirian Menezes de Oliveira, escritora brasileira, que, magnanimamente, aceitou prefaciar este trabalho. Grato Mirian, pela sua disponibilidade e carinho.

Avelino Rosa

Vem comigo Carla

Vem comigo Carla.
Anda, vem ver como eu,
qual hércules do passado,
com a grandeza da minha alma,
transformo o Mundo!

Vem comigo Carla.
Vamos construir o nosso mundo,
sem paixões, sem vícios,
sem orgulho sem maldade.

Vem comigo Carla.
E então verás
que o Mundo é nosso.
Que ele será
o que nós, jovens, quisermos.

Horta, 1970

Sorri

Sorri…
Desabrocha teus lábios em flor,
deixa embrenhar-me
na luz meiga do teu olhar.
Quero adivinhar o que te vai na alma.

Sorri…
Quero lembrar-te assim,
quando o negro manto da saudade,
na triste solidão da minha ausência,
se estender sobre minha alma.

Sorri…
Não só com os lábios,
mas com toda essa alma de criança.

Quero amar-te feliz.

Horta, 1971

Partiu

Partiu
vazio de apitos
sem aparato
duma estação nua
entardecida
cheirando a carvão

Um chefe sombrio
sem chapéu
deu a partida

A dor gemeu
no ferro e na alma
partiu sem despedida
nem um adeus

Um amanhã sombrio
soluçando
enrouquecido
amanhã sem sol
escuro e triste
horizonte longínquo
incerto
fim da linha.

Lisboa, 1973

Se eu fosse poeta

Se eu fosse poeta
tomar-te-ia por musa e senhora
cantaria os teus olhos e a luz
que penetra as trevas do meu talento

Ah, se eu fosse poeta
em delírio te sonharia
de vestes transparentes
voando com a brisa do meu hálito
num firmamento sem cor e sem fim
eternamente

Oh, musa minha
(se eu fosse poeta)
levar-te-ia à praia deserta
(como sempre sonhei)
ver-te-ia dançar sobre a areia
num poema multicolor
resplandecente
confundindo o próprio sol
e beijar-te-ia com fogo e amor
infinitamente.

Lisboa, 1973

Perfume

Fiquei com o teu perfume nas narinas

A tua presença envolve-me ainda
e tolhe-me os movimentos
como se o contacto da tua mão
me desse nova vida

Recordo o teu olhar embaraçado
agitando a cabeça indecisa
cheia de contradições
procurando fugir do olhar triste
que ponho todas as manhãs

Depois fugiste
de mim
dos teus pensamentos

Saíste e perdeste-te na multidão
enquanto eu
enlatado lá no autocarro
te amava na imagem e no perfume
que deixaste no ar.

Lisboa, 1973

O amarelo da Carris

O amarelo da Carris
leva de maralha
uma mão cheia

Gatunos
vadios
proxenetas…

Mas não se queixa
só geme às vezes
nas curvas

E lá vai
de haste levantada
orgulhoso
como se transportasse um rei

Aquele amarelo é um filósofo!

Lisboa, 1974

Poema simples

Neste mundo de betão armado
há que dizer palavras objetivas
objetivas

Quando o amor não é mais
que o sentir das paixões subjugadas
há que saber amar simplesmente
simplesmente

Se houver vontade de clamar alto
a revolta contida em anos de luta
há que aceitar a vontade do mais forte
do mais forte

Até que um dia
o sexo
o grito
a nostalgia
que nasce da demência coletiva
se masturbe em espirais de orgia
da orgia

Neste mundo de betão armado
há que dizer palavras simples
objetivas

Lisboa, 1974

Suprema poesia

Eis a suprema poesia
que fala de amor e de universo
de sexo, de paixão e de magia
e da política e da guerra
e dos canhões que disparam flores

Eis a suprema poesia
que vive nas camas e nas esquinas
que bebe bagaço e vomita champanhe
(segundo o modelo francês)
e vai à missa e aos hospitais
faz lavagem ao estômago e ao cérebro
e acaba num frenesim travesti de pub

Eis a suprema poesia
que oscila entre o uísque e o carrascão
entre o smoking e os fundilhos folclóricos
do Biáfra a Mannatanh, passando por Calcutá
e acaba em gasto enterite ou hepatite
ou em cirrose estafada com mãos de fada

Eis a suprema poesia
que tem foros de alergia à realidade
urina cerveja na Trindade e pare no Coliseu
uivos de tanta ansiedade e imaginação
que o coração transborda de humanismo
volatiza-se de feminismo e liberdade
arranca os cornos à saudade e à desgraça
embarca em caravelas de passa e viaja
das tabernas da Graça aos cais da Jamaica

Eis a suprema poesia
que tresanda a fezes de Minotauro
e que um poeta fauno fabricou em fevereiro
no labirinto de Cnossos
prás bandas do Bairro Alto

Depois, morreu no asfalto
atacado de enfarte
mas salvou-se o poema
por amor à arte!

Lisboa, 1974

Deslumbramento

O deslumbramento das espécies caquéticas
emprenha-se ao infinito
e no aborto do orgasmo suicida
nasce da raiva a altivez

Pejadas de peles as ruas da Cidade
na projeção sublimada dos conceitos
e vão eretas, espartilhadas
no torcicolo próprio das colunáveis

Bebem o chá nas casas de caridade
(que a proteção de Deus é sempre agradável)
e vão, de novo, em pescoços de javali
meter o nariz aqui e acolá
onde há uma alma que careça de carinho
e fazem-lhe o ninho com desfaçatez

Mas os porquês ficam de fora
(Essa agora!...)
porque Deus é Deus e mulher é mulher
e meter a colher entre os dois não é sensato
nem vernáculo em termos sociais

E afinal, os marginais são para isso mesmo
para dar consolo e conforto e calor humano
nem que seja um estupor porque Deus é grande
e a mulher do casaco de peles tem coração

Porque senão temos de dizer que a caridade
é uma necessidade da mulher assexuada
que nunca foi virgem nem nada que se pareça
e de abadessa só tem a pele esbranquiçada

Porque o sexo é no casaco e nos olhos
e deslumbrada de tanta ternura vem-se
sem mais nada que não seja candura.

Lisboa, 1975

Ámen

Ámen, ámen
Vivam os santos do altar
e o senhor abade
que nos acabou de crismar

Ámen, ámen
requiem pelas nossa crenças
que daqui pela vida fora
temos Deus sobre as cabeças

Ámen, ámen
façam todos penitência
para que os nossos governantes
governem com inteligência
Ámen, ámen
que o padre Inácio desertou
passou-se para os comunistas
foi o Diabo que o tentou

Ámen, ámen
dobrem os sinos a finados
que o Santo Padre morreu
a lutar pelos explorados

Ámen, ámen
que o aborto é traição
param os vossos filhos
Deus lhes dará o pão

Ámen, ámen
que o Mundo vai acabar
sobre as cidades da Terra
já há guerra nuclear

Ámen, ámen
a vontade de Deus se faça
quando a morte nos libertar

nos leve na Sua graça

Ámen, ámen
requiem pelas nossas crenças
que depois da nossa morte
temos terra sobre as cabeças.

Lisboa. 1975

Absurdo

O quebrar do absurdo
pode provocar o pânico

Também uma ilusão de barro
um cravo
num cano de espingarda
uma boca sangrando

As primaveras seguem-se
à velocidade do som
e da música das espingardas

Dir-se-ia que não são as rotações
mas o gatilho
que faz mudar as estações.

Lisboa, 1975

Gaivota

Amor,
nuca fiques triste olhando o mar
ainda que exista uma razão

Inventa uma gaivota e fá-la voar!

Liberta-a sobre a tua cabeça
ouve o seu zumbir a cortar o espaço
vai com ela como se criasses asas
empresta-lhe um pouco do teu coração

Assim sereis duas gaivotas brancas
navegando livres na minha imaginação
amparando-me neste sonho impossível.

Lisboa, 1975

Breve

Não é um poema
são mil palavras fugidias
morrendo contra a areia

São os sulcos que traças
as ondas
que te banham os seios
a carícia da brisa
o sabor do mar
gaivotas inquietas
vogando sem rumo
no teu olhar

Palavras esquecidas
mergulhadas
no silêncio dos teus lábios.

Lisboa, 1976

Caracol

O caracol vive dentro de si
o seu habitáculo é tudo o que tem
que tem para si mas não para dar

O caracol é bicho introvertido
de tanto pensar fez-se masoquista
mas pensa que a tara é artística

O caracol crê na amizade
e é até capaz de se apaixonar
mas fica-se na casca a magicar

O caracol vem da distância
sustenta-se de versos de pé quebrado
e faz-se estátua para ser adorado

Pobre caracol metido a mendigo
fabricando sonhos, comendo migalhas

Ai, caracol, só és teu amigo!

Lisboa, 1976

Desenganos

(*Prima facie*)
Coisas como amor e amizade
crises de *para-psico-ideologia*
ficaram de vez arrumadas
Se as garotices *pseudo-infantis*
(já sem espaço nem tempo útil)
não voltarem pela via romântica
sentir-me-ei curado deste mal
que de tão simples é milenário

(*Sapient sat*)
Se o homem e a mulher se amam
(e o amor e a tosse não se escondem)
a enciclopédia política desconhece
que quem ama bem se castiga
Mas se o poeta nem sempre nasce
e faz-se da antítese do mais além
é porque sobre este peito vulnerável
arde uma chama ainda à espera

(*Ultima ratio*)
É preciso ver para além do olhar
sentir para além da distância formal
ouvir e entender para além dos lábios
amar nas estátuas firmes de ausência
a sua própria quietude enigmática
que nos faz transpor para além das coisas.

Lisboa, 1976

O Bêbado

E vai o bêbado cantando:
- Olinda, ó i, ó ai!

E vai pensando na sua Olinda
a mãe das suas criancinhas
que por azar
teve lá em riba no Porto

E vai o bêbado cantando:
- Olinda, ó i, ó ai!
E vai cambaleando pelo Intendente
encharcado de aguardente e meiguices
que lhe fizeram as meninas confidentes

E vai o bêbado cantando:
- Olinda, ó i, ó ai!
Olinda, Olinda, ai esta vida
que maltrata, que desgasta o nosso amor
ai mulher, ai mãe, mártir ainda...

E vai o bêbado cantando:
- Olinda, ó i, ó ai!
Porque quem canta adia a realidade
até ao limite em que o limite é vencido
e numa forca caseira, de espasmo em espasmo
da mórbida resistência à derradeira vontade
de reparar um engano - ter nascido!

Lisboa, 1976

Broadway

Broadway, Broadway
universo de luz e estrelas
e eu adoro vê-las
de lantejoulas
adivinhando as formas
e o meu desejo cresce
numa ilusão doirada

Broadway, Broadway
o que fizeste do meu sonho real
a minha barraca na Musgueira
parece um palácio encantado
com fadas e abóboras no telhado

Broadway, Broadway
porque fizeste de mim uma *rainha*
eu que tresnoitava no Cais do Sodré
tenho lá fora o *cadillac* e o meu príncipe
que me estende um tapete vermelho

Broadway, Broadway
que me entras em casa pela tevê
porquê essa vingança de me acordar
de me fazeres voltar a ser prostituta
porque me pões ali uma criança a chorar
e à porta um chulo que me desgasta

Broadway, Broadway
Sinto-me tão fraca e o meu sonho voa
tão depressa que vou ficando
cada vez mais desumana

Oh, Broadway, Broadway…

Lisboa, 1976

Os teus olhos
(à guisa de poesia popular)

Os teus olhos são dois luzeiros
que conquistaram as trevas
já a lua e a estrela d'alva
se cansam de me ver olhar-te
cuidam elas que me zango
se as vir apagarem-se

Para que quero eu lampejos
se tenho estrelas cadentes
se mesmo de noite vejo
para além do Universo

Que vão embora do céu
condenem-me à escuridão
basta-me a luz dos teus olhos
o calor da tua mão.

Lisboa, 1976

Obsessão

O poema é uma arma de dois gumes
diverte o público e mata o poeta

O poema é o escape do poeta desesperado
é a tentativa vã de passar o sofrimento
para a compreensão ou riso dos outros

O poema é o ato de contrição do poeta
confessa o pecado e auto penitencia-se
guilhotinando-se com as palavras

O poema finalmente é a desculpa
do fracasso
da cobardia
da castração mental
da tara indispensável a um obcecado.

Lisboa, 1976

Fúrias de cão

Se um cão me ladrar
ferindo-me a bainha das calças
continuarei mudo

Sou de fúrias
ou bem que falo
ou bem que calo como um túmulo

Acendam os espíritos e os sentimentos
é preciso quebrar o gelo da noite
que ninguém diga o que sente
o baile é exclusivo de fantasmas
(e nada de fantasias indefinidas)

Gostaria de acabar, mas há tanto
tanta noite para iluminar
agora riam
a lua ainda não está murada
e depois
há sempre uma cancela que se abre.

Lisboa, 1976

No calor da terra

No calor da terra
da terra mãe
esquecendo a guerra
esquecendo alguém
um homem dorme

Já que a embriaguez
lhe traz a vontade
de caminhar ereto
pelas ruas da Cidade
o homem dorme
um sonho quente
de quem só ama
estando ausente

No seio da terra
no calor da mãe
esperando a guerra
esperando alguém
um homem dorme.

Lisboa, 1978

Dia do Juízo

É o dia do Juízo
é o Mundo que desaba
é o fim do paraíso
é a boca que se cala

São as guerras terminadas
é a paz apodrecida
são as chamas apagadas
nesta terra meia ardida

São gaivotas a lutar
contra os ventos da maré
é o mar bravo a calar
a força que já não é

São os uivos pela calada
dos que já não temem nada
são os barcos ancorados
de mil ânsias afundados

É a boca, são os olhos
de tanta vida fechados
São as mãos, são os pés
de tanto andar parados

É este sorriso amargo
de tanta dor redimida

É esta esperança que trago
debaixo da própria vida.

Lisboa, 1980

Velho sonho

Estamos no vento
estamos criando
um novo alento

Somos de aço germinado
vendemos sonhos
de pez raiados
Sofremos torturas
vencemos derrotas
ganhámos bravura

Estamos no vento
estamos criando
um novo alento

Deixámos amarras
começámos viagens
voltámos às guerras
Matámos inimigos
cavámos fossos
inventámos perigos

Estamos no vento
estamos criando
um novo alento

Perdemos o Norte
perdemos o tino
ficámos fracos
e sem destino

Estávamos no vento
estávamos recriando
um velho alento.

Lisboa, 1980

AMIGA I

Amiga
de mil vezes a palavra repetida
se fez flor

E desse grito que *não-só-sexo*
eu faço eco repercutido
nas mil cordas de violino
que me tangem a imaginação

É que nas dobras do tempo
quando ocaso e nascer se confundem
e a vida é um pouco disto *não-sei-quê*
que nos dá o saber e a ignorância
de sermos imortais
pela *fraqueza-força* dos homens
e pitéus na boca das lagartixas
preferimos falar de *cão-para-baixo*
com os que nos acham sublimes

E é isso que nos resta da contra luz
com que batizámos e teimamos em manter
este *universo-sem-eixo*
que, deambulando, persegue a sombra
projetada em nenhum espaço
numa ânsia voraz de se deglutir

Nesta era em que a técnica comanda
o ordenador ordena toda a desordem social
e faz poemas estandardizados
de bits incomensuráveis
o homem realiza-se na máquina programada

Mas, se posso dizê-lo sem blasfémia
contra novos deuses que teimam em ficar
eu me auto programo em linguagem binária
para te dizer simplesmente
(e já descodificado)

nesta axiologia de romântico inveterado

Amiga
de mil vezes a palavra repetida
se fez flor.

Lisboa, 09-12-1983

AMIGA II

Amiga
deixa que as palavras emudeçam
e os olhos falem

Deixa-me sentir de novo o teu corpo
o calor envolvente dos teus braços
os teu lábios quase tão distantes

Deixa que as minhas mãos te percorram
te contagiem desta loucura ainda morna
deixa-me sentir a tua pele escaldante
sob a carícia terna dos meus dedos

Amiga
esquece por um breve momento
a contradição que te turva o olhar
quero sentir-te confundida comigo
numa diluição absoluta de seres
e de corpos sem quaisquer barreiras

Esquece tudo o que não seja tu, eu, nós

Amiga
e se os anos cobrirem de bolor
as lembranças que hoje são gumes
jamais se fecharão estas feridas
este sonho lindo que nos une

Amiga
deixa que as palavras emudeçam
e os olhos falem.

Lisboa, 09-12-1983

Sau**dade**

Vim da distância
No tempo e no espaço
descontei pecados

Vivo na lembrança
resisto na esperança
fundada em bocados

Persisto na amargura
do canto noctívago
das cigarras.

Macau, 1985

Lamechices

Quem me dera ter-te
pertinho de mim
meiguinha
assim
assim

Junto ao meu peito
abraçada a mim
aconchegadinha
assim
assim

Sentido o teu corpo
diluído no meu
quentinha
assim
assim

Enfim...

Macau, 1994

O Sustenido

A rede de esgotos
pariu um sustenido
Poderia ter sido um bemol
talvez
mas neste caso
foi mesmo um sustenido

O sustenido sustentou-se
foi ganhando alma e corpo
foi-se estendendo
e circulando
do *Fai Chi Kei*
ao Ramal dos Mouros
da Horta e Costa
à *Sá Má Lou*
do Palácio
à Barra

Embatucou no marégrafo
da Escola de Pilotagem
lutou com a válvula de maré
por sinal avariada
e mergulhou no sítio mais nobre
do Rio das Pérolas

Onde portugueses e chineses
se encontraram
conviveram
trocaram missivas de amizade
abraçaram o imaginário
recomeçaram lutas sem sentido
reiteraram compromissos seculares
reafirmaram a paz e harmonia
e finalmente
construíram
as Portas do Entendimento

perto do local
a escassos passos da História
onde o sustenido
forçado e esforçadamente
mergulhou.

Macau, 26-11-1994

Adoremos

Adoremos
O Senhor que nos pariu e criou
adoremos tudo o que nos deu
e o cuidado que teve por nós
que nos fez assim
tal com nós somos

Adoremos O Senhor
por nos ter feito
à sua imagem e semelhança

Obrigado Senhor
porque tal como nos fizeste
somos o espelho do que queres
que nós possamos ser

Ser assim como Tu
no imaginário
na incerteza
na dor
na grandeza
na redenção

Do mal
do amor também
disto tudo que é a vida
que nos deste
que nos exiges
de que nos pedes contas

Mas que contas tenho eu para dar
se contas eu próprio não faço
de uma vida que eu não sei se vivo
se vivo eu não sei se estou
e estando, penso que não vale a pena
contabilizar no teu rol celestial

Porque não fazemos assim
- eu esqueço que Tu existes
Tu esqueces a contabilidade
e ambos viveremos felizes
para sempre

Quando, eventualmente
Te lembrares de mim
só Te peço o benefício da dúvida
até porque, lembra-Te
fizeste-me à tua imagem e semelhança

Macau, 26-11-1994

Nas tintas

Estou-me nas tintas
para as lamechices
para pingar amor fácil
para amar o próximo só porque ele me pode amar
para achar que é giro o que os outros acham
para gostar dos que devem ser admirados
para conviver com os que fazem disso profissão
para adorar ídolos de ocasião
para masturbar-me pela miss Macau
ou por outra miss qualquer
    (embora não negue que, ao natural,
    seja assunto encerrado…)

para vestir smoking
para mover influências
para fazer carreira política
    (nem sequer fiz a militar)

para ficar à espera seja de quem for
para lamber botas
    (porque tenho a língua demasiado áspera)

para ficar de cócoras
    (porque me causa espasmos nas canetas)

para ser suave com o poder
    (porque nem ao tabaco o admito)

para ser parvo por condição
para ser verbo de encher por opção

Estou-me nas tintas
para tudo o que possam querer que eu seja.

Macau, 30-11-1994

Chapéus há muitos

Eu tive um chapéu
em terna idade
de palha
de papel
que importa
já nem me lembro

Eu tive um chapéu
já homenzinho
de feltro
de pele pura
que importa
já nem me lembro

Eu tive um chapéu
já bastante adulto
de coco
de marca afamada
que importa

já que me lembro
de nunca os ter usado.

Macau, 30-11-1994

O jeito da gente

O jeito da gente
é sempre diferente
após uns copos
num lugar qualquer

A gente desajeita-se
aguça uns poucos sentidos
perde a noção dos rostos
pronuncia evidências
até então segredos absolutos
dissolve-se na mística
dos momentos únicos

Então

apalpa-se a estratégia
de há muito concebida
e os bocados colam-se
como por magia

Concretizado o objetivo
fica-se quase sempre na mesma

Assim, visto a frio
sem remorsos nem recriminações
apenas promessas hesitantes
de evitar recaídas

Mas

a intenção morre
sempre que a gente
desajeitada de novo
volta a ser diferente.

Macau, 14-01-1995

Espelho

Vendo assim como estou
assim como me sinto
tentando encontrar o mundo
tentando perceber o que sou
tentando entender aquela imagem
que me parece perto e distante
eu, outro e mais alguém

Vendo que me pareço o que não assumo
que sinto o que não me interessa sentir
que acho o que não quero encontrar
que entendo o que não quero entender
parto o espelho que me desengana
que me impede de ser o que quero ser
que me obsta à ilusão que me rodeia
que parte a parte de mim que ainda vive

Partido o espelho
ganho o azar
fico pior
fico melhor
fico dividido
fico mais velho
mas mais assumido.

Macau, 1997

Andando

Andando por aí
em busca de ti
procurando
encontrando
num pequeno gesto
num olhar esguio
num sorriso dissimulado
no andar descompassado
no perfil entardecido
na postura imaginada
na manhã enevoada
a sombra da tua presença.

Macau, 04-11-1997

Anormal

Anormal me chamam
só porque sou diferente
só porque não sou igual

Como se igual fosse
ser a cópia vulgar
do que os outros são

Ou diferente fosse
a fuga irremediável
do patético padrão
que alguns teimam
em incluir os outros

Diferente ou igual
- qual?

Macau, 04-04-1998

Ternura

Ela estava na beira do rio
lavando a roupa e as lágrimas
limpando as mágoas e a vida

A criança atada às costas dormia
confiante na única coisa que tinha
embalada nos movimentos da mãe
na boca um leve sorriso de anjo
de quem está em paz com o Mundo

O mesmo sorriso que mergulhou
nas águas daquele rio de todos os dias
atado às costas da mãe lavadeira
que não suportou ver mais a imagem
de um rosto que já não era o dela.

Macau, 05-04-1998

A arma desarmada

A arma que se engatilha
na nossa cara
é uma arma desarmada

Porque sendo uma arma
friamente apontada
perde a noção do tempo
perde a emoção da vida

Apagando a simplicidade
dos momentos importantes
a arma assim apontada
é a negação da existência
e da própria humanidade

A arma engatilhada
na nossa cara
é uma arma estúpida
em que a bala é objeto
de vontade alheia
que mata
porque simplesmente
tem a função de matar.

Macau, 16-04-1998

Boquinha

Fim da tarde
fim do trabalho
de quem trabalha
para viver
A sensação sublime
do descanso
O petisco que ajuda
a saborear a cerveja
Um presuntinho
pata negra
uma cervejinha
Umas moelinhas
deliciosas
uma cervejinha
Uma dobradinha
com molhinho
uma cervejinha
Uma sapateira
pãozinho torrado
uma cervejinha
Outra cervejinha
para acabar o lanche
E agora
aonde vamos jantar?

Macau, 21-11-1998

As árvores em Moçambique

Moçambique sofre
no alto das árvores

Sobre as águas que lutam
contra as ideias insanas
dos homens teimosos
Mulheres, crianças e velhos
resistem à vingança cega
das cheias devastadoras
que nem a sede matam

No paradoxo das coisas
nascem crianças, morre gente
O abraço da solidariedade
permanece curto, arrastado
esmola dos políticos
a que os Média
obrigam e santificam
E enquanto vai ou não vai
a ajuda, o simples gesto
há gente que cai das árvores
quebra o silêncio da revolta
numa viagem sem história
E mesmo que algum dia
recolham, milimetricamente
toda a lama das cheias
nenhuma estória será contada

Apenas os que ficaram nas árvores
sobre as cheias de Moçambique
saberão dizer, com amargura
como viram o céu e a água
Apenas eles saberão dar valor
aos abrigos improvisados
refúgio patético do Mundo
e da ajuda internacional.

Vilamoura, 03-03-2000

Nascer em Moçambique

Todos nascemos
bem ou mal
de parto mais ou menos normal

Cada um chorou
quando saiu
do ventre da mãe que o pariu

Se ter um filho
é ser-se amado
mesmo quando não desejado

que dizer de quem nasce
no alto de uma árvore
em Moçambique amaldiçoado?

Vilamoura, 03-03-2000

Farol CODAN

Dedilhando o teclado
nas horas mais sombrias
procurando no CODAN
sabe-se lá o quê

Do outro lado, os dedos hesitantes
a voz imaginária que desfaz segredos
o rosto que se revela dos medos
a empatia que percorre a Net
a biliões de *kapas* por segundo

E assim navegando neste mundo
criado e recriado nas teclas que falam
num tom de voz sempre modulado
pouco firme e quase descompassado
se chega ao fim do fio do telefone

Os *bits* são trocados por sentimentos
os *kapas* por emoções á flor da pele
os códigos traduzem pensamentos
os beijos e carinhos o encontro desejado
de quem sabe que o *tc* virtual do CODAN
seria realidade, quente, sentida, palpável

Dedilhando o teclado
tocando o corpo quase real
pensando que amanhã
vou estar de novo contigo.

Lisboa, 21-03-2000

Palavras

Palavras
brancas
repetidas
indiferentes
sem sentido

Que insinuam
que amam
que ferem
que doem
que odeiam
que sentem

Palavras
agudas
graves
quentes
mornas
temperadas
sem sabor
que se despedem
de quase nada
que nunca existiu.

Lisboa, 28-03-2000

(Sexta-feira, vinte e duas horas.
Ligar o "pc" é como abrir uma janela
para a noite de luar que, teimosamente,
permanece com o mesmo brilho
em Beja e Lisboa.)

Farol Codan

O farol ilumina os céus dos mares,
mesmo as terras do trigo ondulante.
Rasga as trevas e corações empedernidos,
pelo vento e pelo aroma que o sol solidifica,
abrindo sorrisos em feridas cicatrizadas.
Navegantes da "Net", imaginando marés,
sonhando cursos de água sem destino,
espraiando-se em desejos recalcados.
Viajantes dos sentidos, de emoções virtuais,
que arrepiam a pele, como se a realidade
estivesse na ponta dos dedos hesitantes.
Cibernautas das palavras, de nascentes
que renascem, que tomam novos rumos,
vogando na espuma das ondas irrequietas,
tingidas pela esperança do fim da tarde.

Nana / Brutos
Beja / Lisboa, 2001

Os teus cabelos

Acaricio a medo
os teus cabelos
trémulos, os meus dedos
vagueiam na lonjura
dos meus pensamentos
desta loucura

Tão perto e tão distante
falo contigo errante
sorrindo como quem teme
que tudo não passe
de um simples instante

Se tu falas eu não ouço
estou para além do mar
daquela espuma branca
que me faz navegar
aqui sobre a areia
percorrendo o teu corpo
devagar.

Lisboa, 2001

A Bola

É redonda
por isso rola
rebola

Do pé parte
é o remate
E voa
bate e parte
de novo
dos pés, da cabeça
é a arte
do drible
do passe

Se o guarda-redes segura
é a defesa
Mas quando bem chutada
entra na baliza
e só pára nas redes
é o golo
e o torcicolo
dos adeptos
indefectos
admiradores da bola.

Vilamoura, 24-02-2001

Moscas

As moscas dançam
no meio da sala
Porque bailam assim
à roda
subindo
descendo
sempre rodando?
Que as move
que sentimentos
que asas de dança?
Pousam na parede
próximas
sem se tocar
Voltam a dançar
Pousam
dançam
pousam
dançam
mas nuca se tocam
Que bicho mais estúpido
E eu neste desatino
a perder o meu tempo
a ver duas moscas a dançar.

Vilamoura, 24-02-2001

Pinha

Uma pinha caiu-me
na cabeça.
De um pinheiro redondo
que espreita
à minha janela

Não me magoou
mas fez-me pensar
que os pinheiros
como alguns amigos
não são de confiança.

Vilamoura, 24-02-2001

O Pinheiro

Tenho um pinheiro à janela
verde verde como o azul do mar
espraio-me através dele
como se aquele verde verde
me fizesse navegar navegar
numa onda verde verde, azul azul
surfando sobre rochas de pinhas agudas
prontas, à espera de dilacerar

E à noite, com o mar já tingido
de tantas outras cores de solidão
o pinheiro perfuma a varanda

Tranquilo e exausto de tanto viajar
aconchego-me na almofada do cadeirão
prometendo nunca mais a terra voltar.

Vilamoura, 24-02-2001

Bife

O naco de carne
olhando para mim
insinuante, suculento
provocante
convidativo

Gula louca
vacas malucas
desejo insaciável
do prazer da mesa

Doce marquesa
acolhe os meus ossos
a barriga pesada
a voz cansada
e um cigarro
e uma aguardente
para ficar ainda mais
dormente
demente.

Vilamoura, 24-02-2001

Chaleira

Tenho uma chaleira que apita
quando a água aquece
com o som de um grito
de um barco aflito
no meio do nevoeiro

Se apita porque a água ferve
ou se se ressente do calor
nunca hei de descobrir
porque nas tormentas da vida
há quem grite por gritar
e gente que cala a dor

Como querem que eu saiba
porque apita a minha chaleira?

Vilamoura, 24-02-2001

A noite

Há noite com lua
com lua e estrelas
sem lua nem estrelas
escura como breu
- é a noite dos gatos
dos desacatos
dos pirilampos
dos sons inquietantes
do vultos errantes
suaves degredos
doces aconchegos
amores uivantes.

Vilamoura, 24-02-2001

Amor

Amor, paixão, fogo ardente
tudo se confunde
sendo diferente
no dizer de quem entende
pretende ser razão

Não sendo racional
o que aflige a gente
contente e descontente
com o que sente
descartam as palavras
pedradas encharcadas
no deserto vazio
de quem não sente nada.

Vilamoura, 24-02-2001

Amor recorrente

Amor romântico
embalado docemente
estrela cadente
renascida em cântico

Amor outra vez
sem regras, libertino
repentino, audaz
que ainda não satisfaz

Amor falado
palavras sem pecado
desejos ardentes
orgasmo gritado
sémen semeado
corpos dormentes

Amor cansado
de tanto prazer
de tanta paixão
Amor,
pedindo repetição!

Vilamoura, 21-08-2001

Horizonte

Fixo o horizonte
vejo uma reta definida
por um azul entardecido
e um lilás de pôr-do-sol

Traço sem compasso
uma linha de distância
entre mim e o outro lado
empiricamente calculo a lonjura
do pedaço que nos separa

O número que assim obtenho
não me parece muito exato
mas sinto que é apenas um hiato
entre mim e ti e o fim do Mundo.

Vilamoura, 25-02-2001

Rosto

Olhando em redor
vagueando os sentidos
só a mão é objetiva
criando, inventando
palavras, frases, riscos
que apagam e recriam
a desordem latente

Só não consigo explicar
a presença recorrente
de um rosto desconhecido
que teimo em imaginar.

Vilamoura, 25-02-2001

Beijo Ausente

Beijo
os teus olhos secos
de muitas lágrimas
choradas

Beijo
os teus lábios
ainda molhados
dos últimos beijos
que te devia ter dado

Beijo
beijo-te ainda morna
do último amor que fizemos
do último orgasmo que tivemos
na ausência do corpo
que percorro em sonhos
com os meus dedos.

Vilamoura, 21-08-2001

Amor platónico

Nas bocas do mundo
anda, vagueando
em sorrisos
murmúrios
beijos sussurrados

Vive desprendido
de imagens desfocadas
de contos de fada
de desejos reprimidos
indefinidos

Viaja pelas nuvens
buscando sonhos
fantasiando cenários
criando imaginários
decepados.

Vilamoura, 25-08-2001

A faca

A faca
corta
descasca
abre
rasga
separa
pica
espeta
trincha
esburaca
e
também
mata!

Vilamoura, 25-08-2001

Loja dos trezentos

Fui
à loja dos trezentos

Comprei
uma bailarina presa
(tocando concertina)
uma máscara filipina
pomada tailandesa
um leque japonês
uma faca chinesa

A bailarina para me embalar
a máscara para não me olhar
a pomada para relaxar
o leque para me abanar
a faca para matar
a saudade que eu sinto

De ti, mulher!

Vilamoura, 25-08-2001

O saca-rolhas

Insinua-se
aponta
firma-se
fere
rasga
enrosca-se
entranha-se
vai fundo
até ficar
húmido
desvirginando
a cortiça

Vem, puxado
agarrado
trazendo a rolha
descobrindo o vinho
o aroma libertado
aquele cheirinho
de coito consumado.

Vilamoura, 25-08-2001

Ventos de mudança

Espero
sempre impaciente
ausente
na espera
que me desespera

Espero
quase indiferente
dormente
preparado
para um final inesperado

Espero
que o tempo ande depressa
abra a porta por onde passa
a desgraça ou a esperança
me traga, seja qual for
esses ventos de mudança.

Vilamoura, 25-08-2001

Caravelas

Caravelas
mastros
velas
país ausente
a Oriente
indiferente

Rima fácil
cacofonia
alergia
à verdade
fado triste
saudade
futebol em riste
substituição
da realidade

Aparência
dissimulação
da pobreza
da incompetência
da impotência
da incultura
que grassa
que rasga
subtilmente as palavras
devassas
sublimadas em graças

Pobre país
se grande foi
alguma vez
perdeu-se em Fez
e do nevoeiro
só o cacilheiro
carregado de gentes
ensonadas

atraca ao cais

Há quem teça
teias fatais
tramas legais
Mas sempre
mesmo dormente
há gente que acorda
revoltas breves
igualmente indeléveis

Velhos do Restelo
homens com medo
devolvidos à bruma
do esquecimento
palavras perdidas
levadas pelo vento
para longe
de quem não entende
que o medo
também é sentimento.

Lisboa, 07-11-2001

Pinha amarga

O pinheiro
faz-me chegar o seu cheiro
balanceando cadenciadamente
a ramagem

Entra-me pela janela
como um intruso consentido
um detonador de sonhos
aromatizados
em que tu entras sempre
deitada a meu lado

Lembro-me de te ter oferecido
uma pinha já madura
prestes a cair no relvado
Disse-te para a guardares
como se guardam os santos
no relicário

Mas não a levaste
preferistes esperar por uma colheita
menos amarga.

Vilamoura, 06-02-2002

Bernilde

Bernilde
reclamava
constantemente
do Criador
que a fez feia
teimosa e compulsiva
ignorante e iletrada
das coisas da vida

Quase sempre vociferava
mais consigo mesma
olhando-se no espelho
como se contemplasse
perscrutasse a alma
Outras vezes a cópia
incompleta, estragada
desculpa de uma imagem
que recusava assumir

Mas, nalgumas manhãs
que alongavam os olhos
de noites mal dormidas
adivinhava uma matriz
distorcida e mal focada
como se o Criador, zangado
a tivesse concebido
para se vingar da humanidade

Bernilde
vivia em constante crise
de existencialismo
entre si, a cópia e a matriz
numa enigmática trilogia
que a descaracterizava
da condição de mulher
que nunca chegara a ser

Consciente da derrota
em resolver o enigma
numa tarde de maior loucura
fez-se pássaro e voou
da ponte 25 de Abril
descobrindo, no percurso breve
as memórias mais importantes
dos seus trinta anos de vida
com tempo de compreender
finalmente
com os olhos fitos nas ondas
que matriz, cópia e ela própria
eram afinal, apenas e simplesmente
uma mulher que não soubera viver.

Vilamoura, 10-02-2002

A Vela

A vela
perfuma
ambienta
romantiza
relativiza
o que ilumina

Acende as sombras
consome fantasmas
incendeia vontades
provoca emoções
cede liberdades

E se o dia
mantiver os rostos
os corações apertados
os olhares brilhantes
os braços dados
os beijos sussurrantes
a vela foi capaz
de criar magia.

Vilamoura, 10-02-2002

ABC

A Bê Cê
Bê A Bá
cartilha não há
veja você
porquê

Se digo A
você diz Bê
nem chegamos ao Cê

Com opiniões contrárias
temos de achar
uma alternativa
ou mesmo várias
para encontrar
a mediania
desta relação singular

Eu digo sim
você diz não
discutimos
abrimos hostilidades
dizemos algumas verdades
você chora
eu amuo
e ficamos assim toda a tarde

Até que um beijo furtivo
que surge do nada
faz esquecer tudo
e o Mundo desaba
e as coisas ficam assim
tão simples e agarradas
nas bocas, nos olhos
nas mãos dadas.

Vilamoura, 10-02-2002

Abrindo as mãos

Quero abrir as mãos
despojar-me
de preconceitos
até de razões
se razões eu tiver
que justifiquem
que tornem racional
tanta estupidez

Quero abrir as mãos
mas não posso
os dedos ficam tensos
a água que derramas
quase descongela
mas não amolece os sentidos
sempre apurados
como um cão de guarda
treinado para resistir
mesmo que uma lágrima
lhe corra ao canto do olho

Quero abrir as mãos
dar-te, dar-me
mas não, não consigo
enquistado em mitos
em frases feitas
em banalidades usuais
em ritos quotidianos
apenas para dar sentido
a um corpo vazio
libertado do sofrimento
por mero comodismo.

Lisboa, 14-03-2002

Curandeira

Cura, cura
curandeira

Mata as dores
minhas mágoas
abre o meu peito
sangra-me o coração

Cura, cura
curandeira

Estripa os males
que me consomem
retalha-me, esventra-me
deixa-me vazio
de nada
sem remorsos

Cura, cura
Curandeira.

Vilamoura, 28-03-2002

Não me digam

Não
não me digam
que não posso
beber mais um copo
fumar mais um cigarro

Não
não me digam
que não posso
vencer o tempo
recuperar os anos perdidos
o tempo
o copo
o cigarro

Não
não me digam
que não posso
amar-te
ter-te
sem copo
sem cigarro
por todo o tempo.

Vilamoura, 28-03-2002

Criação

Tela
tintas
pincéis
algum talento

Mistura-se
agita-se
o cérebro
imagina-se
inventa-se
reinventa-se

E nasce
a obra de arte
pelas mãos
do Criador.

Vilamoura, 28-03-2002

O Nó

Ato e desato
o nó
com que me amarraste

Porque não sei
se me quero ver preso
a ti
Mas sei que não quero
desprender-me

Enquanto vou e regresso
neste percurso indefinido
só penso em ti
Ato-me e desato-me
inventariando o nosso amor
os bons e maus momentos

Depois de muitos nós
atados e desatados
dou um nó cego
o nó que quero
que nunca desatemos.

Nantes, 21-04-2002

Exílio

Há um exílio dentro de nós,
num lugar que não escolhemos,
para onde somos condenados.

Como se a vida tivesse compartimentos,
que vamos conhecendo e revisitando,
ao ritmo de uma ampulheta louca,
ressequida a boca. Criando miragens
na areia molhada, pegando nos pés
alcatrão derramado, estigma de fado,
redenção de pecados, lides de toiros,
cegos e surdos, cornos serrados.

Somos assim, deserto interior,
oásis escassos, estrelas que acendem
pedaços. Que incendeiam bocados
de ser. Do ser que vive da esperança
das tardes ensanguentadas.

Há sempre um exílio algures,
onde nos refugiamos.

Vilamoura, 01-06-2002

Festa de anos

Se quiseres vir
à minha festa de anos
não precisas trazer nada

Vem apenas como és
com os cabelos apanhados
para ver bem o teu rosto
de amêndoa amarga

Porque sei que após o primeiro beijo
o desejo transforma em doçura
a loucura, os beijos e abraços
os instantes em pedaços, os corpos
em chamas, os vulcões em lava
ardente, demente de cansaços
até que o dia acorde e desperte
a ternura e o desejo recomeçado.

Vilamoura, 01-06-2002

Gato pintado

O gato do quadro parece real
- glória ao seu criador!

Ando pela sala e ele segue-me,
com aquele olhar de felino triste.
Sento-me e ele observa-me,
com aquele olhar de felino ausente.

Olho-o bem nos olhos, fixamente,
e ele fita-me com se quisesse
dizer-me, ronronando baixinho:
"Oxente! Nuca viu um gato pintado?"

Malfadado gato que quer dar-me lições.
De sermões estou eu farto.
Raios o partam, ao gato!

Vilamoura, 01-06-2002

Lágrimas de orvalho

Vejo lágrimas caindo,
como gotas de orvalho,
descendo pelo teu rosto,
criando leitos de rios.

Não quero ser o dique
da tua amargura.

Deixo as fontes transbordarem,
os rios correrem livremente,
sem adivinhar os instantes,
de dilúvios de pranto.

Para meu espanto, secaram
de repente. Bastou um beijo
nos teus lábios quentes,
sabendo a sal.

Vilamoura, 02-06-2002

Arma e flor

Vou descansar
de muitos cansaços
devassos

Pensar devagar
as agitações sem tempo
tentar entender
porque sou assim
gatilho, bala, explosivo
e flor sempre pronta
a desabrochar
e a morrer, desconsolado

Quero perceber o porquê
das emoções e a variação
das estações, tão de repente.

Vilamoura, 02-06-2002

Velejando

Aparelho a embarcação.
Subo a vela, depois o estai,
amarro os cabos e passo-os
pelos mordentes e moitão.
Tapo o bueiro e coloco o leme,
o patilhão, pronto, de lado.
Agarro o trem do Laser
e desço a rampa decidido.
Aproo ao vento e salto,
enfio o patilhão, desço o leme.
A retranca passa sobre a cabeça.
Puxo os cabos, agarro a cana
e o vento leva-me a navegar,
sobre este mar que é fuga,
canção de embalar, na espuma
das ondas dolentes, dormentes,
buscando sereias encantadas,
pequenos nadas, da terra ausente.

Vilamoura, 02-06-2002

Montanha

Quero ser
como aquela montanha
de verdes curtos,
quase sem vida
e de Inverno coberta
de gelo escorregadio,
o cume escondido, guardado,
por um manto de nuvens.

Quero ser assim, longe de tudo,
inacessível, quedado em degredos,
vencendo medos, sentindo-me único
a contemplar as estrelas.

Vilamoura, 02-06-2002

Rosa suada

A rosa murchou
nas minhas mão suadas.

Deste-ma pela manhã,
com uma promessa de beijo,
mas os lábios cerraram-se
numa quietude de mármore.

Então, fiquei perseguindo
o sonho, vendo a rosa murchar,
as pétalas caírem
por entre os meus dedos
até ao fim.

Até entender,
que tinha acabado.

Vilamoura, 03-06-2002

Sagres

Infante distante,
ausente de marés,
talhando, traçando
destinos, novas rotas,
descobrindo mundos.

Antecipando derrotas,
o sono profundo
em que o País mergulhou
do promontório de Sagres.

Vilamoura, 03-06-2002

Pescaria

Lancei a rede
numa manhã fria,
ainda o sol dormia
do outro lado da ilha.

Fiquei horas e horas
esperando a colheita,
já o sol reluzia
de espanto.

Quando, finalmente,
a recolhi, devagar,
nua e molhada,
o sol disse-me, sorrindo:
- pescador assim não existe!

Vilamoura, 03-06-2002

Segredo

Vou contar-te um segredo,
morrendo de medo,
por te o revelar.

Sabes, nunca fui capaz
de amar alguém.
Preferi sempre o "gostar",
que é um termo
sem compromisso,
omisso em verdades.

E assim fui sobrevivendo,
até te encontrar.

Vilamoura, 03-06-2002

Navegando

Vou navegando
por esse mar de esperanças.
Umas vezes calmo
outras tormentoso,
quase sempre sem rumo,
incerto nos resultados.

Mas é o mar que tenho
para navegar.
Se dobro o cabo das tormentas,
vem a calmaria.
Se me queixo da falta de ventos,
desaba a tempestade.

Nunca encontrei um mar calmo
com vento suave e constante.
É assim a vida, que vou vivendo.
Intempestiva, mas que me mantém
acordado.

Vilamoura, 03-06-2002

Nenúfar

Vivo mergulhado
num lago de cisnes.
A princípio, debicavam-me
os cabelos.
Depois, habituaram-se
ao estranho nenúfar
desenraizado.
Passam e nem ligam,
esticando os pescoços,
vaidosos e indiferentes
ao homem que vegeta,
naquelas águas,
ausente.

Vilamoura, 03-06-2002

Túnel escuro

Percorro um túnel escuro.
Apenas pirilampos errantes
iluminam os contornos do caminho,
que parece não ter fim.

Vou perseguindo, sempre, o destino,
adivinhando linhas, formas,
fantasmas que trespasso, a passo
lento, hesitante, apressado pelo medo,
escutando, receando cada novo perigo.

Por fim, quando me liberto do pesadelo,
volto atrás, para percorrer de novo
a mesma estrada de segredos.

Lisboa, 06-06-2002

Casa túmulo

Com as suas próprias mãos,
pedra a pedra, o homem
construiu a casa devagar.
O tecto, de palha amarelecida,
entrançado ao longo dos anos,
cobriu, por fim, as paredes frias.

Quando terminou, estava pronto
para morrer. A casa acabada
foi também o seu túmulo.

Vilamoura, 01-07-2002

Estrela cadente

Uma estrela cadente
caiu a meus pés

Rosas escarlates
surgiram de imediato
formando um círculo
em meu redor

Ergui-me e quis sair
mas não consegui...

- Fiquei prisioneiro
do esplendor!

Lisboa, 09-07-2002

Monstros

Duas mulheres pariram monstros,
nas proximidades de Albufeira.
O povo, sedento de novas e sangue,
acorreu em massa e imaginários.
Quando viram as duas crianças,
disformes e inumanas, acreditaram:
- os homens, que eram belos Adónis,
as mulheres, elegantes e sensuais.
Partiram então os espelhos e as almas,
adorando-se no contraponto da desgraça
alheia, mistificando-se no pensamento
e nas poucas palavras que lhes ocorreram.

Lisboa, 29-07-2002

Mãos dadas

De mãos dadas
contamos segredos
Não são as bocas
fechadas
São os dedos
entrelaçados
deslizando suaves
acariciando a vida
feita de bocados.

Lisboa, 30-07-2002

Palavra perdida

A palavra
saiu da boca
e perdeu-se
irremediavelmente

Não era especial
apenas um som
breve
de lamento

Uma palavra só
fustigada
pelas dores da alma
semente apodrecida
de um amor
com prazo vencido.

Vilamoura, 10-08-2002

Rosto ultrajado

Rosto belo, de anjo, ultrajado
- cicatriz traçada pela navalha.
Canalha.

Agora enigma, recatada, curiosidade.
Piedade.

Anjos e canalhas vivem em comum
num mesmo e único espaço.
Compasso.

Paraíso sem horizontes, deserto.
Concreto.

Amargurado, despido de imaginários.
Contestatários.

A navalha rasga o corpo, a alma, marca.
Destrói a vida, mata devagar.
Ao luar.
Agostos despidos.
Vendidos.

Lisboa, 31-10-2002

Gato malvado

Malvado gato.
Mordeu-me um dedo,
arranhou-me um braço.

Mijou na sala,
partiu um vaso chinês.
Maltês parvo e rebelde.

Mas eu perdoo, enlevado.
Miado chorão, olhos de traço,
bagaço de perdição.

Vem cá Tigre, vem ao dono!
Ele vem a medo. Chiça!
Mordeu-me um dedo,
arranhou-me um braço.

Raios partam o gato!

Vilamoura, 08-11-2002

Olhando-te

Quedo-me, olhando-te
nesse perfil de musa mimada,
irrequieta, manietada
por medos e sonhos vagos

Olho os teus olhos vadios,
aqueço-te o corpo com um beijo.
Desperto, sem querer, o desejo,
desvendando doces segredos

E o amor solta-se sob os meus dedos.

Lisboa, 10-01-2003

Imagem aprisionada

Sei que retive a tua imagem,
num tempo qualquer,
mas esqueci-me de onde a guardei.

Lembro, vagamente, que eras bela,
como as estrelas nas noite límpidas.
Que falavas de mansinho, insinuante,
procurando os meus olhos, insistente
no movimento dos teus lábios maduros.

Aprisionei esses momentos,
das poucas tardes e noites que passámos.
Salpicadas por sal, banhadas por uma lua pálida.
Vínhamos da praia, jantávamos e aninhava-nos
numa casa escondida, rodeada de sombras
- fantasmas tépidos, enrodilhados na aragem.

Nem sei porque recordo isso, agora,
se nem me lembro do teu rosto.
É o tempo. Os beijos que queimam a alma.
As carícias que se trocam e permanecem frescas.
A ausência, depois de tudo, do que não se esquece.
É o tempo. São os remorsos da perda perene.
Da razão estupidamente determinante
do curso inexorável da vida.

Lisboa, 30-01-2003

Bagdade

As sirenes de Bagdade
anunciam morte.

Mesopotâmia da prosperidade,
das confluências, cobiças e guerras.
Bagdade, centro do mundo islâmico,
criada na perfeição da forma,
é agora caça ao tesouro negro.

A ignorância é mais perigosa que a arma,
a insensatez desfaz corpos, ao acaso,
o poder cega todos, ditadores ou não.
Sob as areias do deserto, há sinais,
descobertos pelas tempestades repentinas.
Cada grão, que marca o tempo, tem vida,
história, ensinamentos, significado, recados.

Quem os não lê e não ouve está obcecado
pelas sirenes de Bagdade
a anunciarem a morte.

Lisboa, 20-03-2003

Fel da vida

Porque temos de provar o fel da vida?
Esse,
que angustia, rasga, deixa feridas abertas,
pústulas que nunca saram e só derramam
mais fel.

Irei um dia para monge, longe.
Numa montanha, no interior de um caverna,
sem luz, ouvindo apenas os morcegos,
alimentando-me de fungos, medos esparsos.
Até que o radar da cegueira me guie,
sem asas,
pelo espaço que não soube conquistar,
no meu tempo.

Lisboa, 26-03-2003

Anglo reto

Não confies neste anglo reto da vida.
São muitas cogitações sobre nós...
Perdemos o fio divisor da sensatez prudente
e da conquista sem barreiras e condições.

Entrámos pelo funil das aventuras repetidas.
Dobrámos o nosso Bojador de receios e medos.
Ficámos, algures, numa praia de gente nua,
onde tudo é igual, sem interesses acrescidos,
sem as emoções que disparam os sentidos.

Navegámos com muitos sóis, estrelas cadentes.
Foi uma que caiu, talvez mais perto, que adormeceu
o amor que jurámos eterno, porque eternas são
apenas as palavras, não a memória delas, ditas
ou mesmo tombadas sobre papel amarelecido.

Não sei se é uma carta de despedida, vencida
pelo tempo, o que deixámos de ter, de sentir.
Desculpa. Só não me apetece repetir.

Lisboa, 31-03-2003

Gaivotas do Tejo

As gaivotas brincam com o vento,
rasando a espuma das ondas do Tejo.
Há uma branca que se destaca
- elegante, planando a tarde.

O Cacilheiro luta contra a maré
- leva gentes cansadas, dormentes.
Os turistas disparam muitas fotos
ao monumento dos Descobrimentos
- vêm de toda a parte admirar Lisboa.

O Bugio, convida-me, ao longe,
para além do mar que ilumina à noite
- sei que não posso fugir de mergulhar
neste interior deserto de vontade…
Fecho os olhos e sinto-me embalado
pelo doce torpor das agonias breves.

Lisboa, 28-04-2003

O Bruxo

O bucho do
bruxo era enorme.
Comia, bebia, tudo o que vinha.
Por fim, arrotava de satisfação.
O Parceiro, que era um cão,
lambuzava-se com os restos.

Ambos dormiam pela tarde
uma sesta inquieta, quase funesta,
mãos e patas sobre as panças inchadas,
ressonando como o aparato das trovoadas.
Às vezes paravam, coçavam-se, estremeciam
e recomeçavam, com um sorriso crispado.

Quando acordavam, o bruxo fazia mistelas.
O cão, longe delas, metia-se a um canto.
Raramente dava certo, mas se descobria,
o bruxo gritava: "Eureka, eureka, eureka!".
Então o cão gania, uivava, rebolava,
e escondia-se no meio das panelas.

Certo dia, num sucesso ainda indefinido,
o bruxo provou da poção borbulhante.
De repente, deu-lhe um enguiço galopante
e inchou todinho, como um repolho cozido.
Esverdeado, babando um líquido amarelo
e explodiu, cobrindo as paredes da cozinha.

A vizinha, aterrada, admirou o pastiche,
chamou a polícia e dormiu mais descansada.

Ninguém quis o Parceiro, que morreu sozinho
junto do caldeirão, patas sobre o focinho,
escanzelado – triste fado de um caniche!

Lisboa, 16-05-2003

Lisboa à chuva

Em Lisboa chove...
As águas derramam pelas ruas,
lambendo as pedras das calçadas
gastas.

Percorridas por pés doridos,
as pedras choram desgraças.
A água lava as dores.
As dores voltam, estafadas.

A chuva não limpa a alma.

Lisboa, 04-09-2003

Canto do universo

O centro do Universo
fica aqui
junto de mim, assim.

Tu és o planeta,
eu o satélite
que gravita à volta de ti.

Meu sol, meu amor,
vou perder-me no espaço,
como um cometa louco,
desfeito em pedaços.

Lisboa, 15-09-2003

Gotas de chuva

As gotas da chuva cantam
baladas na minha janela.
Escrevem mensagens ternas,
que só eu sei decifrar.

Vão, assim, devagarinho,
embalando-me em mais uma noite
povoada de fantasmas sem rosto.

Porque me recuso a ver
a realidade.

Lisboa, 31-10-2003

Madrugada

Vi hoje um arco-íris,
cheio de muitas cores.
São as dores, as dores
da madrugada.

Quando procuro o eu
e vagueio pelos sonhos
da noite ainda cansada,
o dia é uma incógnita,
uma palavra maldita,
dita sob as olheiras
por um boca fechada.

Eu quero ser como os pássaros,
sem nome, bebendo a natureza,
vivendo da luz coada pelas árvores,
que me lustram e afagam as penas,
voar com as asas largas do cio,
mergulhando no esteio de cada rio.

Até que a melodia do crepúsculo
me embale para uma margem dura,
como uma ave abandonada, ferida,
sussurrando, de olhos já fechados,
ainda com medos, quase pecados:
- Foste a mulher da minha vida!

Lisboa, 05-12-2003

Quinta da Luz

Na Quinta da Luz
- Ai, Jesus! -,
há um mendigo,
indigno.
Veste trapos,
farrapos,
mas fala bem,
como um engenheiro
ou doutor em letras.
Conta tretas
e recebe esmola
numa cartola,
desbotada,
amarrotada.

Não tira coelhos dela
mas faz malabarismos
com as palavras.
Enche-a de vaidades,
remexe algumas verdades
e sai de cena mudo.

Quase surdo
às contradições de Carnide.

Vilamoura, 20-12-2003

Meteorologia

A previsão meteorológica
indica chuva e trovoada
em Portugal Continental.

Eu tenho uma alergia fóbica
- a que muitos chamam pancada -,
adquirida numa viagem ao Nepal.
Quando chove e troveja
ganho reflexos de animal,
sento-me a um canto a murmurar,
rezando a Santa Bárbara
para que me proteja do mal,
do raio que me possa eletrocutar.

O cão mija e eu também,
tem medo e eu também,
lambe e eu também,
gane e eu também,
tem raiva e eu também,
morde e eu também,
fornica e eu também,
é irracional e eu também.

Olá meu irmão cão!

Vilamoura, 20-12-2003

Intimidade

Queres ir ao alto da minha arrogância
e ao fundo da minha solidão?

Queres ver como sou no meu apartamento,
adaptado por um arquiteto famoso
na zona mais *inn* de Lisboa?

Queres ver-me informal,
de t-shirt e de calções,
despido dos artefactos de marca?

É contigo!
Mas aviso-te que vais ter uma surpresa.

Vilamoura, 20-12-2003

Não chamei por ti

Não chamei por ti,
ainda não estou assim tão mal.

Estou ligado à máquina,
engessado, entubado, espatifado.
Mas ainda não chamei por ti.

Estive em coma, dois dias,
mas agora já vejo e ouço,
até já mexo os olhos e os lábios.
Mas ainda não chamei por ti.

Trouxeste-me cravos vermelhos,
as flores de que eu gosto, aquelas
da minha Revolução comungada,
o sangue que não foi derramado.
Mas ainda não chamei por ti.

Fechei os olhos, ignorei-te.
Fingi que não te via nem ouvia,
mas entendi todos os teus recados.
Porque não me falaste sempre assim?
Mas ainda não chamei por ti.
Dissecaste a vida, a dois, a nossa,
com uma mansidão que esquecera,
numa paixão que escorrera pelos anos.
Fostes tu, autêntica, a menina morena,
rebelde e livre que amei em tempos.
Mas ainda não chamei por ti.

Só quando te foste embora, fechando,
devagarinho, a porta que me separa
do Mundo, fiquei sem saber se quero
voltar a abraçar-te neste abraço sem futuro,
me dei conta de dizer-te em sussurro:
- Volta, ainda te amo!

Lisboa, 30-12-2003

Forças da natureza

O sol. As nuvens. A chuva.
O relâmpago repentino.
O som aterrador do trovão.
O céu desabou sobre a terra.

É o dilúvio!

O raio ziguezagueia cortante,
queimando, reduzindo a cinzas,
vegetação, pedras, árvores, animais,
como um laser gigante, vingador.
A dor rasga almas, em preces, rezas.
Santa Bárbara, lembrada, luz divina.
A terra estremece, ressoando o som,
estarrecendo, prolongando o medo.

Um ruído surdo, que os animais entendem,
vindo do nada, engrossa, abre fendas.
Lavra a terra como mil arados sem rumo.
Desenraíza troncos, faz rolar as pedras.
As casas estremecem, chocalhando.
As telhas escorregam pelas empenas.
As paredes abrem fendas, esventrando-se.
As pessoas morrem sobre os escombros.

É o fim do Mundo!

Eu não sei. Não sei se tive um pesadelo.
Já não sei. Distinguir o sonho da realidade.
Nunca soube. Pressentir o medo, as agonias,
que cortam a vida em fatias desencontradas.

Vivo do nada. A minha força entronca algures,
nas forças vivas e decepadas da Natureza.

Lisboa, 30-12-200

A Foca

Brinca com a bola
sobre o focinho
enfoca um brilhozinho
nos olhos

O menino traquinas
vem de mansinho
emborca uma coca-cola
atira a garrafa
contra a cachola
da foca

A bola salta
o bicho geme
o tratador treme
o público maltrata
o gaiato chato
o pai cai
racha a cabeça
a mãe, em defesa, vai
às fuças de alguém

Com desdém
a foca volta costas
enfia-se na casota
fecha a porta
e descansa enfastiada
sem mais nada.

Lisboa, 26-01-2004

Abismo

Ela deu um passo
Ele deu outro.
Ambos caíram
no abismo
do vórtice
que haviam criado.

Lisboa, 04.02.2004

O Frango

Sou um frango
atravessando a estrada
fugindo do Matadouro
fugindo da poedeira
que ainda me lamenta
sabendo que o guisado
com muita pimenta
é um pecado mortal
de um filho revolucionário

Vou ser atropelado
por um camião sem travões.
Não tenho receio
as muitas penas espalhadas
que cobrirão os passeios
trarão outras tantas dúvidas
novas perguntas.
Juntas, serão o futuro
porque anseio.

Lisboa, 04-02-2004

Uma palavra

Das palavras, uma
a que te digo ao ouvido
segredo só nosso

Nos dias nebulosos
essa palavra ressoa
entranha-se
fere, quase mata

Nos dias mais claros
sobrevém um sorriso
uma luz ao olhar
um alento ao corpo
e com ele fazemos

amor.

Lisboa, 12-02-2004

Amor morto

Deixem queimar os círios até ao fim
que a cera derreta sobre os escombros
dos pedaços deste amor despedaçado
juntem cada pedaço, um a um, num saco
dos restos das compras da semana breve
e deitem-no no lixo comum, esquecendo
a ecologia, a educação, a boa cidadania
Limitem-se a dar-lhe um nó na ponta
o nó que a gente dá sobre o amor morto
e que apetece despachar no anonimato
carpido nas mágoas do plástico amarrotado
fugaz nos dedos que o deixam cair no lixo
o saco
farto.

Lisboa, 02-03-2004

No limite

Pôs um pé
depois outro
no limite

Mediu a distância
respirou fundo
ficou parado

Uma lágrima rebelde
escorreu pela cara
saboreou o sal

Quis gritar por ajuda
mas a voz não saiu
dos lábios cerrados

Estava num impasse
entre a vida e a morte
dividido pela vontade

de ir ou ficar vazio.

Lisboa, 20-03-2004

A taberna

Quem me procura na noite
encontra-me na esquina
- a taberna do meu bairro

É lá que tempero a vida
e falo das coisa fúteis
com os bêbados habituais

Gente simples, abandonada
recriando histórias vagas
de feitos e glórias imaginados
de passado e futuro trespassados

É assim que passo a noite
na taberna do meu bairro

Adulterado!

Lisboa, 20-03-2004

A dor que dói mais

Dói a dor mais aguda,
que as outras ficam macias,
toleradas pelo tempo.

Todas as dores juntas
não doem mais do que esta
- a que me fazes sofrer,
a que me desfaz em pedaços.

Não há poção, unguento,
remédio ou terapia.

É uma doença crónica:
- Não consigo deixar de gostar
de ti!

Lisboa, 20-03-2004

Farol

Pedra a pedra
construí um Farol

que perpassa a noite
da tua ausência
e incendeia cada vez
que sinto os teus dedos
no meu corpo abandonado

à tua vontade.

Lisboa, 20-03-2004

As voltas da vida

Tristes são os tristes
que pensam que a vida
é assim tão simples

A gente dá voltas
inventa revoltas gastas
e volta ao começo

As coisas acontecem
simplesmente
É como a areia do deserto
varrida pelo vento incerto
mudando as dunas
a paisagem agreste
Não há um oásis salvador
apenas um lugar recriado
imaginado no momento

Somos areia em movimento.

Lisboa, 23-03-2004

Milímetros

Um milímetro
é a medida exata
do espaço que conquisto
em cada encontro contigo.

És como uma montanha agreste,
coberta de gelo por vezes
- inacessível, escorregadia, fatal.
Sei dos perigos que corro, a cada passo,
do abismo voraz que me aguarda,
no vazio azul dos teus olhos felinos.

Estou entre o céu e a terra profana,
envolvido por nuvens cinzentas, escuras,
num purgatório de expiações consentidas.

Não sei se te amo assim tanto
ou se quero apenas superar o meu ciúme.

Vilamoura, 08-04-2004

Cavalo louco

Houve tempos
em que o tempo
passava devagar

Hoje tem o passo
de um cavalo louco
com o freio nos dentes

Já não sinto as asas
não controlo o voo
não traço rotas nem rumos
Viajo singelamente
por onde e aonde
as ondas e as marés tardias
deixam que ainda navegue.

Vilamoura, 08-04-2004

Glu

Glu, glu, glu
sou um peru
engordando para o Natal

Glu, glu, glu
sou um peru
vou morrer embriagado

Glu, glu, glu
sou um peru
caseiro, tenro, suculento

No toque final
cumprindo o fado
viro alimento

Cumprindo o sacrifício
mantém-se a tradição
É meu ofício
contribuir para a ilusão

Glu, glu, glu
sou um perú
Realizado.

Lisboa, 15-04-2004

Anjo Negro

Anjo negro da morte,
que me queres?

Desfiar os meus pecados,
por a nu os meus segredos,
dar sentido aos meus medos,
cortar as linhas podres
que amarram os bocados?

Queres levar-me, assim
desfeito, inimigo de mim?
Sem uma oportunidade,
sem uma última vontade?
Pela sucção das tuas asas,
adejando sobre os fantasmas
que povoam o meu inverno,
do Inferno em que vivo?

O que poderia ter sido...

Leva-me, leva-me depressa.
Inteiro, aos bocados, como quiseres.
Esqueci receios, a terra que se abriu
sobre os pés, o sal das tempestades,
a água que me engoliu e vomitou
antes do meu cadáver chegar à foz.

A voz, sempre escutada, das saudades,
fez-me voltar, vezes sem conta, ao rio.

Chegou o momento de cumprir o destino.
Leva-me, leva-me depressa… vazio
Anjo Negro da Morte.

Lisboa, 03-05-2004

Palavras são assim

As palavras são assim...
Imaginam-se, inventam-se
ou, simplesmente, escrevem-se
ao sabor dos sentimentos.

Juntam-se, uma a uma,
construindo frases, ideias,
peias, teias, de uma vida solitária
ou cheia, que vibra, transborda.

Eu sou o lobo que foge à alcateia,
que corre pela planície sem rumo,
que vagueia pela noite sem medos.

Vilamoura, 21-06-2004

Grande *Finale*

Quando perdes o controlo
e pedes mais e mais
sinto medo de me faltarem as achas
para a fogueira que incendiei.

Mas o teu corpo pede
e o meu, escravo da tua volúpia,
junta os fragmentos de energia
e, em minutos multiplicados,
construímos o nosso Grande *Finale*.

Vilamoura, 21-06-2004

Linha reta

És como uma linha reta
no caminho entre nós

Eu complico, crio atalhos
tu chegas tão depressa
que te impacientas da espera
que azeda o lume

Quando, por fim, descansamos
ao pôr-do-sol do sexo louco
transviamos de novo, buscando
o que sempre sabe a pouco.

Vilamoura, 14-09-2004

Tsunami

Agarro-te pela cintura
tomo-te como a uma vagem
meia verde, meia madura
e agridoce, que deixa o sabor
inteiro e por acabar

Sacio a sede atrasada
dos dias de jejum tolerado
bebendo as gotas das pétalas
abertas ao orvalho matinal
derretendo no calor da lava
de um vulcão imprevisível

Quando o Tsunami varre
o mar da tua entrega
há um Furacão que nos leva

Não sei para onde vai e acaba
mas já sinto saudades desse lugar
onde o nosso amor fica a descansar
à espera de uma nova tempestade.

Lisboa, 26-10-2004

Dá corda aos sapatos

Dá corda aos sapatos
põe-te daqui para fora
é agora que vais crescer

Esquece a família, o cão
vai, põe-te a mexer
gela o coração, usa a cabeça
decora aquele ditado
"o destino é feito por ti"
sai daqui, vai embora

A gente não tem condição
para te sustentar, dar-te o pão
somos pobres, sem tostão

Ão, ão... Tu é que és o cão!

Vilamoura, 22-12-2004

Abismos

Vou devagarinho
pé ante pé
experimentando o nada

Quedo-me nos abismos
dos silêncios
reveladores

Não choro, não grito
não digo nada
A boca fica cerrada
como o túmulo
dos fantasmas adormecidos
que povoam o meu corpo

Cansado.

Lisboa, 27-01-2005

Longe

Longe
é não estar a teu lado
sentir a tua mão
apertando a minha
procurando refúgio
no deserto
das tuas causas breves.

Longe
é não ralhar contigo
repetir sem fim
motivos e razões inúteis
dar-te o aconchego
dos momentos possíveis.

Talvez um dia
o longe seja perto
e o amor e a paixão
intervalados de dúvidas
sejam dias completos.

Vilamoura, 19-02-2005

Ricochete

As palavras ricocheteiam
nas paredes da cabeça vazia.

Lançam desafios húmidos
despem o corpo amadurecido
revolvem a areia adormecida
lavam-se na espuma perene
enrodilham-se nas ondas agitadas
por ventos cruzados, intermitentes.

Do mar, vem o sabor da tarde.
Da montanha, a vontade de renascer.

Lisboa, 31-12-2005

1ª Edição

Odivelas, Abril de 2019

IGAC, Registo 297/2015

Resumo biográfico

Nasceu, a 17-06-1953, em São Caetano, Concelho da Madalena, Ilha do Pico, Região Autónoma dos Açores. Estudou no Liceu Nacional da Horta e viveu nesta cidade até 1972. Licenciado pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa, em 1978. Funcionário público desde 1973, sendo Assessor Principal da carreira de Consultor Jurídico, na área da Cultura. Viveu em Macau, cerca de 15 anos, tendo exercido funções na Administração Pública do Território como Técnico Superior, Chefe do Departamento Técnico Jurídico e Subdiretor do Serviço de Administração e Função Pública, Vogal do Tribunal Administrativo e, cerca de nove anos, Diretor Municipal do Leal Senado. Membro da Direção do Clube Náutico de Macau durante oito anos, três dos quais como Presidente.

Publicações

- Diversos artigos em Revistas e Jornais.
- Os Municípios em Macau - Livros do Oriente, 1999.
- Macau (Via Hong Kong), um Romance de Amor - Editorial Diferença, 2002.
- Nas Asas da Net – Chiado Editora, 2015.
- Retalhos de Lava – e-Book, 2016, e versão impressa de 2018, AMAZON.
- O Meu Vício És Tu – e-Book, 2016 e versão impressa de 2018, AMAZON.
- Do Amor, Das Coisas e da Natureza, Vol I – e-Book, 2016 e versão impressa de 2019. AMAZON.
- Do Amor, Das Coisas e da Natureza, Vol II – e-Book, 2016 e versão impressa de

2020. AMAZON.

- Contos e outros Textos – e-Book e versão impressa, 2020, AMAZON.

- Vidas de Bruma - e-Book e versão impressa, 2022, AMAZON.

Página pessoal e Contactos

Página pessoal: **http://www.avelinorosa.com**

Procurar no "Google" ou noutro motor de busca por Avelino Rosa.

Email: **avelinorosa069@gmail.com**